

**O CONCEITO DE AGÊNCIA NA EPISTEMOLOGIA AFROCÊNTRICA:
DESDOBRAMENTOS NA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA**

Marcos Borges dos Santos Júnior¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Cunhajp2013@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a constituição do conceito “agência” dentro do campo afrocêntrico e seus desdobramentos na sociedade brasileira a fim de auxiliar na construção de potências e possibilidades existenciais da população negra no combate ao racismo. Compreendendo o processo acadêmico-científico na elaboração da pesquisa, alguns questionamentos orientaram este artigo: “Como podemos definir conceitualmente a agência? Qual viés pode ser utilizado? A partir do campo educacional, aonde se encontra estas agências na sociedade brasileira? Dentre algumas movimentações destacadas da população negra brasileira, é possível evidenciá-las como agências? Quais contribuições podem ser feitas utilizando o conceito de agência?” Para não estender mais, a projeção na agência como uma dentre tantas outras possibilidades da movimentação existencial da população negra se torna de suma importância para o combate ao racismo, que tenta cristalizar e extirpar as potências de ser e existir.

Palavras-Chave: Agência. Afrocentricidade. Educação. População negra brasileira.

**THE CONCEPT OF AGENCY IN AFROCENTRIC EPISTEMOLOGY:
DEVELOPMENTS IN THE BLACK BRAZILIAN POPULATION**

Abstract

This article aims to present the constitution of the concept of "agency" within the Afrocentric field and its unfolding in Brazilian society in order to assist in the construction of existential potential and possibilities for the Black population in the fight against racism. Understanding the academic-scientific process in the elaboration of the research, some questions guided this article: "How can we conceptually define agency? What approach can be used? From the educational field, where are these agencies found in Brazilian society? Among some highlighted movements of the Brazilian Black population, is it possible to highlight them as agencies? What contributions can be made using the concept of agency?" To avoid further discussion, the projection of agency as one among many other possibilities of the existential movement of the Black population becomes of paramount importance in the fight against racism, which attempts to crystallize and diminish the potential to be and exist.

Keywords: Agency. Afrocentricity. Education. Black Brazilian population.

¹ Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ, Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – RJ, cunhajp2013@gmail.com.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar a constituição do conceito “agência” dentro do campo afrocêntrico e seus desdobramentos na sociedade brasileira a fim de auxiliar na construção de potências e possibilidades existenciais da população negra no combate ao racismo. A energia direcionada ao conceito de “agência” viabiliza projetar as objetividades e subjetividades que estarão na constituição dos suportes simbólicos, técnicos e tecnológicos para o desenvolvimento globalmente do sujeito.

Para fundamentar tal produção do artigo é necessário destacar a história da educação brasileira: desde o século XX, na criação do sistema de ensino, houve energias que propuseram a constante exclusão da população negra, seja na construção curricular, escolar ou propriamente de modos de vida. Portanto, para auxiliar, dar continuidade e expandir as movimentações da população negra será evocado o conceito de agência na perspectiva afrocêntrica.

Compreendendo o processo acadêmico-científico na elaboração da pesquisa, alguns questionamentos orientaram este artigo: “Como podemos definir conceitualmente a agência? Qual viés pode ser utilizado? A partir do campo educacional, aonde se encontra estas agências na sociedade brasileira? Dentre algumas movimentações destacadas da população negra brasileira, é possível evidenciá-las como agências? Quais contribuições podem ser feitas utilizando o conceito de agência?” São questionamentos necessários para se firmar numa epistemologia da complexidade.

Deste modo, para o desenvolvimento inicial das reflexões, o artigo foi projetado em duas sessões (1) Agência: conceitualização e desdobramentos a partir do racismo; (2) Agência: movimentação da população negra brasileira.

Para não estender mais, a projeção na agência como uma dentre tantas outras possibilidades da movimentação existencial da população negra se torna de suma importância para o combate ao racismo, que tenta cristalizar e extirpar as potências de ser e existir.

1. Agência: Conceitualização e desdobramentos a partir do racismo

No caminhar da contemporaneidade, a partir do *lócus* científico, com o objetivo de possibilitar a explicação sobre determinado fenômeno, mas sem descaracterizar a realidade concreta e sensível, a sociedade através de investigações vem produzindo “conceitos”. O “conceito” não é a palavra que ao ser apresentado traz um sentido tautológico distensionado

de modo a definir o que se está produzindo. Deste modo nos aproximamos de Barros (2016) a respeito da (re)criação, (re)sistematização e (re)produção paradigmática que está inserido na constituição do “conceito”: um *continuum* dual produto/produzidor da realidade. Observemos conforme aponta Barros (2016) a definição sobre “conceito”.

[...] a bem-delineada ideia que é evocada a partir de uma palavra ou expressão verbal que passa, desde então, a ser operacionalizada sistematicamente no interior de certo campo de saber ou de práticas específicas. [...] são pontos de apoio sistemáticos para um tipo de conhecimento a ser produzido, no interior de um campo específico de reflexões (Barros, 2016, p. 26-27).

Com base em tal definição, que se aproxima na busca pela abertura existencial do comum como prática reflexiva do cotidiano, debateremos o conceito de “agência” a partir da epistemologia afrocêntrica. Agência então refere-se a uma complexa rede de conhecimento operacional para organizar a multidimensionalidade de um modo de vida. Contudo, inicialmente é necessário explicitar a definição sobre “afrocentricidade”.

Começamos com a visão de que afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (Asante, 2009, p. 93).

É possível ir além da sistematização de Asante (2009) já que esta percepção *espaço/temporal* vai de encontro com a produção de modo de vida a partir da África e sua diáspora². A epistemologia afrocêntrica produz abertura para evocar o *constructo* afro (viabilizando nos esquivar da falsa equivalência dual euro/afro): a (re)criação das produções epistemológicas, paradigmáticas e axiomáticas, acerca da (i)materialidade sensível e concreta, na abertura existencial com o contato entre diferentes modos de vida das comunidades terrestres, sem a perda dos *locus* de continuidade da vida em África e sua diáspora.

Asante (2009) estabelece a afrocentricidade como base para a constituição da vida africana e diaspórica, mediante os múltiplos pilares que constituem tal campo de saber, e que faz parte do nosso escopo, destacaremos a “agência”.

Já a agência é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. [...] Quando consideramos questões de lugar, situação, contexto e ocasião que envolvam participantes africanos, é importante observar o conceito de agência em oposição ao de desagência. Dizemos que se encontra desagência em qualquer situação na qual o africano seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo (Asante, 2009, p. 94-95).

Asante (2009) manifesta para o conceito de agência a potência e possibilidade de transformação existencial mediante a construção dos recursos necessários para ser do/no/com

² Diáspora africana reflete ao termo “afrodiáspora”, mas neste texto, a partir do contexto brasileiro será denominado também como “população negra brasileira”.

“mundo vivido”. Agência não é somente a concretude da idealização de um espaço, mas também os mecanismos simbólicos, técnicos e tecnológicos na constituição da realidade. No interior deste conceito, é necessário que o sujeito esteja pleno das suas capacidades de movimentação do/no/com “mundo vivido”, contudo estar pleno de “si” desloca-se do escopo “sujeito e objeto”, para ir de encontro com a ressignificação, entre ambos, se diluindo na demarcação das fronteiras, tornando-se único e singular.

Pensar conceitualmente a agência traz aberturas acerca das potências e possibilidades dos seres vivos. Refere-se em constituir o desenvolvimento global do ser em consonância com a singularidade (individual e coletiva) fluxional do/no/com “mundo vivido”. Contudo, é necessário pontuar que a busca pelo desdobramento conceitual de “agência” vai na contramão do paradigma produtivista permeado na atualidade. O paradigma produtivista adentra os corpos, extrai e maximiza as ações do indivíduo, projeta a perfectibilidade do ser para alcançar seus determinados fins.

Deste modo, projetamos a agência por outro viés, aqui é direcionado a força matriz que os seres vivos detêm e possam alcançar para a própria realização, a fim de projetar uma abertura dialógica do comum, dos diferentes contatos multidimensionais que somos capazes de ter do/no/com mundo. Também é possível definir agência como mediação dos recursos postulado pelo comum que nos toca, no qual é constantemente produzido circularmente entre ser e mundo.

Agência, sendo um conceito vital para a percepção de mudança retorna a população negra brasileira na atualidade como possibilidade de rupturas imagéticas que cristalizam e amputam o ser. Tais imagéticas racistas, postuladas, por exemplo, na década de 1930 que categorizavam a população negra como libidinosas ou raivosas (Santos, 2002) sendo perpetuadas na atualidade a partir do imaginário social, fazem parte do escopo de modos de vida (auto)destrutivos, impossibilitando outros modos existenciais.

Surge uma pergunta: O que ocorre quando não se tem agências preocupadas com tal ruptura imagética? Refletiremos com outra pergunta: O que ocorre quando há a existência de agências projetadas para a permanência desta imagética? Analisaremos a partir do campo educacional a continuidade de modos de vida que permeia esta imagética racista.

A pesquisa de Dávila (2006) nos revela, mediante ao campo educacional, mais especificamente no sistema de ensino, durante a primeira metade do século XX, que utilizou-

se o conceito de “eugenia”³ como medida de exclusão da população negra e a constituição do ser brasileiro (uma tentativa frustrada de sentimento de pertencimento ao evocar a dita “eurodescendência”). Segundo Dávila (2006) os empreendimentos foram: a proliferação de escolas públicas de caráter eugênico; a promoção da saúde bucal, instituição da nutrição e educação física nas escolas para alcançar um ideal físico; A capacitação de inspetores, docentes e diretores direcionados para a formação educacional eugenista; dentre outros. São tentativas de construção da agência em que a população negra não disporia em tomadas de decisões sobre sua própria educação.

A eugenia, conceito anterior ao século XX no qual já foi comprovadamente (dentro do campo científico) invalidado, perdurou por décadas no imaginário social brasileiro, se diluindo e ressignificando ao passo que serviria às benesses do racismo. A exclusão contra população negra avançou em alguns aspectos e diminuiu em outros, mas ainda perdura. Agora vejamos dentro desta tentativa de exclusão da população negra brasileira na constituição de agência a partir do campo educacional com os apontamentos de Theodoro (2023) ao discorrer sobre a formação da sociedade desigual brasileira.

Há no Brasil um verdadeiro apartheid educacional, exemplificado perfeitamente pelo caso da CEF 01 (Escola de Ensino Fundamental). Alunos de classes média e alta não se relacionam com colegas vindos de famílias pobres e com estudantes negros, nem mesmo quando estes frequentam instituições escolares públicas em seu próprio bairro. O projeto brasileiro de universalização da educação forjado após os anos 1960, com a reforma educacional, e ampliado com o texto constitucional de 1988 e suas emendas não logrou se efetivar como inclusivo e democrático. A qualidade das escolas frequentadas pelos estudantes brasileiros difere radicalmente em termos de disponibilidade de equipamentos pedagógicos, infraestrutura e serviços de apoio. Há uma escola dos mais ricos e outra dos mais pobres. As grandes escolas particulares acolhem os filhos das elites que formarão a elite futura, com valores distantes do princípio da igualdade. Os colégios particulares de segunda linha abrigam uma classe média remediada, enquanto a escola pública alberga os mais pobres e concentra a maior parte das crianças e adolescentes negros (Theodoro, 2022, p. 171-172).

A investigação do autor, no qual pontua o “apartheid educacional”, pode ser compreendido a partir de um projeto educacional na constituição dos modos de vida, direcionando a manutenção e perpetuação da branquitude, seja nos melhores postos de trabalho da sociedade e/ou no controle com a expansão da desigualdade social. Dispomos então da produção de uma agência pautada no sucateamento educacional de determinados

³ “Eugenia” foi um conceito científico que tentava o aperfeiçoamento da população “humana” mediante o desenvolvimento de determinados traços hereditários (Dávila, 2006). O “aperfeiçoamento” também estava incluso a eliminação de determinados traços hereditários indesejados ao projeto de “humanidade”.

grupos, mas também na ruptura de contato entre diferentes modos existenciais. É a morte da potência e possibilidade existencial em vida.

Ao utilizarmos a pesquisa de Dávila (2006) e Theodoro (2022) para refletir o campo educacional, a agência é capaz de produzir a morte em vida mediante a negação da expansividade existencial. Estes modos de vida produzidos pela agência são condicionados a suposta noção de autopreservação do indivíduo, mas que a própria negação do contato com “Outro” traduz em autodestruição.

Somos constantemente expostos a disputas sobre a manutenção e continuidade dos modos de vida: quem detém o domínio sobre os mecanismos simbólicos, técnicos e tecnológicos na constituição da agência dentro do campo educacional (compreendendo os constantes processos de negociação e disputa) promove a expansividade de um modo de vida na sociedade brasileira. É necessário salientar que tais produções dos modos de vida são expandidos a partir de rupturas e ruídos, isto é, simulacros (re)inventivos do cotidiano perdurando determinados paradigmas e axiomas a fim de postular o (auto)reconhecimento do “Eu” com “Outro”.

Adentramos então no racismo, que para além de uma técnica e tecnologia que impossibilita a continuidade da vida, também está inserido na agência como observado através de Dávila (2006) e Theodoro (2022). Refere-se neste ponto a uma agência, especificamente a partir do sistema de ensino e da escola, que desde sua projeção, promove a instituição do racismo. Não está sendo referido em contexto semelhante ao *novo Jim Crow*⁴ nos Estados Unidos da América (EUA), embora no Brasil conforme a pesquisa de Moreira (2019) aponte para a instituição do racismo pelos aparelhos estatais mediante a subjetividade do campo jurídico-legislativo ou a pesquisa de Moraes (2019) que produz a tensão do conceito “vulnerabilidade” aos velhos estereótipos racistas para o extermínio da juventude negra, no qual coloca em xeque as ações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A percepção do campo subjetivo, produz a reflexão sobre a manipulação dos mecanismos para servir a determinadas objetividades, sendo o racismo tanto produto/produtor.

O conceito “agência” possibilita mediante a reflexão até agora, uma zona de tensão, disputas, potências e possibilidades sobre a abstração concreta do “mundo vivido”. Evocar a epistemologia afrocêntrica, o modo existencial da povos africanos e diaspóricos, traz para as

⁴ Michele Alexander (2017) nos apresenta o novo “Jim Crow”, isto é, um novo modo de segregação racial e encarceramento em massa contra a população negra (mas também “latina”) dos EUA. É um sistema de controle racial que se utiliza do campo jurídico-legislativo para produzir o controle excessivo sobre grupos minoritários.

disputas, um instrumento que pode auxiliar a população negra brasileira na movimentação do/no/com “mundo vivido”.

A população negra brasileira, distante de qualquer inércia sobre a produção de agência, utilizou dentre suas múltiplas movimentações o campo educacional. Avancemos agora em relação a tais agências.

2. Agência: movimentação da população negra brasileira

A constituição do conceito “agência” através dos pilares afrocêntricos reflete nas necessidades de quem as produziu. A afrocentricidade (e posteriormente agência) tem fincado na origem a busca pela autossuficiência, mas também direcionado ao antirracismo.

Neves (2023) assim define o “antirracismo”:

O antirracismo é, na literatura sobre o tema, definido como discursos e movimentos organizados que se opõem a práticas e teorias racistas (Bonnett, 2000). Nessa acepção, tanto o antirracismo como seu oposto, o racismo, são consequências da expansão colonial europeia a partir do século XV, quando a noção de raça passa a ser uma das bases legitimadoras da espoliação e escravização de populações não brancas. Isso significa que, de um ponto de vista histórico, a resistência dos povos subjugados às práticas coloniais e à ideia de superioridade da raça branca que lhe era subjacente (Fanon, 2008; Mbembe, 2000; Said, 2007) foram as primeiras expressões do antirracismo. As revoltas em países da África e da Ásia contra a escravidão e contra a dominação europeia, assim como as rebeliões escravas e indígenas nas Américas, a exemplo do quilombo de Palmares, no Brasil, e da independência do Haiti, foram lutas antirracistas centradas na experiência e no cotidiano de opressão, sem necessariamente o desenvolvimento de uma argumentação discursiva, como será própria dos antirracismos posteriormente (NEVES, 2023, p. 38).

O antirracismo é uma demonstração da força motriz que os povos dispõem ao rejeitarem a construção existencial que as práticas coloniais os impuseram. O pensamento de subserviência, espoliação e negação da constituição do próprio destino é rejeitado para projetar as potências e possibilidades existenciais de ser no “mundo vivido”. Evocasse a experiência como proposta de ação/reflexão para se movimentar nos contextos inseridos.

A construção epistemológica da afrocentricidade também é fruto do movimento antirracista, no qual é colocado o modo existencial dos povos africanos e diaspóricos para o enfrentamento ao racismo. Deste modo, agência é projetada não somente como potência e possibilidade de ser, mas também criação de mecanismos ao enfrentamento do racismo.

A população negra brasileira, cada um ao seu modo, através de táticas e/ou estratégias produziu múltiplos enfrentamentos antirracistas. Evoquemos mais uma vez a agência, a partir do campo educacional, para apresentar alguns destes enfrentamentos e evidenciarmos inicialmente se existe um alinhamento ao campo afrocêntrico.

A investigação de Lima (2017) nos apresenta uma proposta chamada Pedagogia Interétnica.

A pedagogia interétnica tem como objetivo fundamental o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo transmitidos pelo processo de socialização ou educacional (família, comunicação social), além de indicar medidas educativas para combater os referidos fenômenos (Cruz, 1989, p. 51 apud. Lima, 2017, p. 103).

A Pedagogia Interétnica, primeiramente desenvolvido pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB) e mais adiante sistematizado por Manoel de Almeida Cruz em Salvador/BA entre final da década de 1970 e década 1980 (Lima, 2017), é produto de uma movimentação existencial acerca das potências e possibilidades de enfrentamento ao racismo à medida que busca uma nova configuração das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. A Pedagogia Interétnica foi elaborada a partir da experiência vivida do NCAB e Cruz, no qual disseminaram com a cultura e produziram métodos e procedimentos para a aplicabilidade.

A Pedagogia Interétnica nos é apresentado “como uma resposta científica, em níveis teórico e metodológico” (Lima, 2017, p. 108), não fincado necessariamente na escola ou sistema de ensino, isto é, ganhando uma dimensão global dos meios de convivência “humana”.

Diferentemente da Pedagogia Interétnica com sua característica “global”, dispomos da Pedagogia Multirracial construído por Maria José Lopes da Silva em Rio de Janeiro/RJ no final da década de 1980 (Lima, 2021). Deste modo Silva disserta sobre a Pedagogia Multirracial.

Pois se este saber, considerado “infantil” e “popular”, servir apenas como “ponto de partida” para se chegar ao “saber elaborado” das classes dominantes, não haverá a soma de diferentes saberes e sim a reprodução da dominação. O saber popular ‘as culturas negras aí incluídas – também pressupõe uma elaboração por parte dos indivíduos. Desconsiderar isto é ver o dominado como incapaz de produzir significações. Esta é uma posição equivocada, porque preconceituosa e excludente. Na perspectiva da Pedagogia Multirracial, a escola deve deixar de ser o espaço da negação dos saberes para enfatizar a afirmação da diferença, num processo em que indivíduos e grupos sejam aceitos e valorizados pelas singularidades [...]’ (Silva, 2002, p. 28 apud Lima, 2021, p. 99).

A proposta acerca da Pedagogia Multirracial está pautada na constituição das relações étnico-raciais dentro das escolas, no qual é uma possibilidade epistemológica, existencial e valorativa a ser desenvolvida. Há então o demarcador da diferença pela busca da igualdade, numa perspectiva de alcançar uma verdadeira democracia racial. É estabelecido uma disputa pela constituição curricular, não pela concepção da mudança, mas a partir do paradigma somático, isto é, uma energia antirracista direcionada pela soma dos saberes, amenizando os possíveis choques epistemológicos.

Tanto a Pedagogia Interétnica como a Pedagogia Multirracial são propostas do final da segunda metade do século XX que tentam, cada um ao seu modo, extirpar (ou amenizar) o racismo. Contudo, é necessário salientar que tais propostas vão de acordo com o processo de integralização na sociedade, distanciando de uma possível ruptura epistemológica do modo de vida brasileiro que tende a aglutinar outros modos. Assim, mesmo sendo propostas de combate ao racismo, divergem acerca da construção de agência na perspectiva afrocêntrica.

O conceito de agência, sendo um dos pilares do campo afrocêntrico se direciona para ruptura das energias (auto)destrutivas voltadas para eliminação e descontinuidade da vida. Dois demarcadores vigentes no planeta Terra que pode-se expor de antemão: o sistema econômico-político capitalista que pela ânsia da acumulação de capital (mas também direcionados pelos sujeitos) optam pela destruição da vida; A impossibilidade de uma cosmo percepção (Oyěwùmí, 2021) do “Outro” (ganhando caracteres de “imigrante”) a partir do campo do comum. Então a agência afrocêntrica é evocada para a disputa epistemológica dentro das movimentações do sujeito com o objetivo de expandir as epistemes que concebam a vida como potência e possibilidade existencial.

A Pedagogia Interétnica e Pedagogia Multirracial na busca por uma ruptura epistemológica com o currículo, a escola, o sistema de ensino e principalmente a educação, não projetam o rompimento com os vínculos existenciais do comum que nos cerca, no qual o racismo está atrelado a denegação da vinculação *espaço/tempo* e sensível, assim agindo possivelmente na parte superficial do campo educacional. A agência afrocêntrica sai deste escopo já que se busca (reconhecem e evidenciam) atender as necessidades da população negra brasileira, ponderando uma “política dos seres vivos” e com o comum.

Outras pesquisas que vem explicitando tais apontamentos (Santos Júnior, 2025a; Santos Júnior, 2025b) é a Pretagogia sistematizada por Petit (2015) no qual refere-se a uma teoria-metodológica para formação docente e educadora antirracista. Com referenciais epistemológicos afro e fundamentado principalmente na oralidade, entende-se que a energia da vida é a possibilidade de mudança para a ruptura dos meios de destruição do “mundo vivido”.

É possível apontar uma outra movimentação da população negra brasileira que traz a tensão das disputas epistemológicas: Congressos Brasileiros de Pesquisadores Negros (COPENES).

A produção de conhecimento pautado por um ponto de vista dos próprios negros ainda encontra dificuldades e barreiras para se firmar como um saber legítimo. Um dos principais obstáculos é a (silenciosa) interdição sofrida pelas pesquisas e

trabalhos empreendidos por esses agentes, cuja centralidade reflexiva aloja-se nos dilemas raciais no Brasil. Quase sempre marginalizados, intelectuais negros são sistematicamente desautorizados para a *res* pública, não são convocados a exercer papel importante nos enclaves especializados da academia, sendo afastados das bem-guardadas fronteiras dos fóruns de decisão acadêmica. Esse conjunto de coisas fez com que surgisse a ideia de construção de fóruns específicos, onde o protagonismo negro fosse critério inegociável. Surgem dessa maneira os Congressos Brasileiros de Pesquisadores Negros (Copenes), realizados pela *Associação Brasileira de Pesquisadores Negros* (ABPN) com o propósito de ser um canal de interlocução acadêmica, com capilaridade extensa, recobrindo todas as áreas do conhecimento. O primeiro Copene foi realizado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de 22 a 25 de novembro de 2000. Contou com mais de trezentos pesquisadores negros de diversas regiões do Brasil e do estrangeiro (Santos, 2014, p. 254-255).

A movimentação de diferentes grupos da população negra mediante as adversidades como é o caso do racismo na universidade brasileira contribuíram para a criação dos COPENES. Os COPENES dão espaço as múltiplas epistemologias que colocam a população negra como protagonista na produção de conhecimento, assim contribuindo para a construção de uma agência. Interessante salientar que tal movimentação colaboram para tecer uma rede orgânica de conexões dos seres vivos e no levantamento de produções vigentes no cenário nacional.

Os COPENES, mesmo não sendo uma projeção afrocêntrica, está numa linha tênue acerca de agência afrocêntrica, pois para além de colocar a população negra no cerne da questão, há uma tensão dialógica produzida pelas diferentes epistemologias que são refletidas e debatidas contribuindo assim para as ações da população negra brasileira.

A breve apresentação destas movimentações produzidos pela população negra brasileira revela que ainda é necessário um aprofundamento na construção conceitual da agência a fim de solidificar um dos pilares da afrocentricidade.

Considerações finais

A construção conceitual do conceito agência sendo um dos pilares na afrocentricidade vem contribuindo no posicionamento existencial acerca da população africana e diaspórica à medida que são postos as epistemes direcionadas a problemática e o modo de vida afro. Não somente temos um posicionamento sobre a radicalidade afrocêntrica (a destituição dos modos de vida que não contribuam para continuidade dos seres vivos), mas também são elaboradas iniciativas, cada um ao seu modo, que pensem na/com/para a população negra.

Este breve artigo trouxe para o debate epistemológico e educacional o conceito de agência como possibilidade de refletir os modos de vida da população negra brasileira, contribuindo para destituir as adversidades. Assim optasse por instituir o conceito de agência

na perspectiva afrocêntrica, posteriormente foi apresentado algumas agências que contribuem para a impossibilidade de movimentação da população negra, e por fim debatido as movimentações da população negra, sendo posto em tensão o conceito de agência.

Intencionalmente foi realizado o recorte das movimentações educacionais para evidenciar a urgente necessidade de preponderar as energias que constroem os modos de vida. Assim é possível compreender que as movimentações educacionais são percepções ritualísticas, isto é, um modo de construção existencial sobre outros modos de vida, no qual vai de acordo com agência na perspectiva afrocêntrica.

É necessário trazer a tensão do próprio conceito para o debate, isto é, os campos de aproximações e diferenças que constituem tal conceito, a importância de evidenciar a marcação das fronteiras, e principalmente, as energias envolvidas das agências na contemporaneidade que fazem a perceber esta destituição da vida.

O conceito de agência, dentro do recorte afrocêntrico, é uma produção epistemológica dentre tantas outras que, cada um ao seu modo, serão usufruídos pela população africana e diaspórica a fim de potencializar e criar/expandir as possibilidades existenciais.

Referências

- ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução de Pedro Davoglio. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- BARROS, José D'assunção. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: Política social e racial no Brasil, 1947-1945**. Tradução de Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- LIMA, Ivan costa. **História da educação do(a) negro(a) no Brasil II: pedagogia multirracial, o pensamento de Maria José Lopes da Silva (RJ)**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.
- LIMA, Ivan costa. **História da educação do negro(a) no Brasil: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2017.
- MORAIS, Rômulo Fonseca. **O extermínio da juventude negra: uma análise sobre os "discursos que matam"**. 1.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2019.

MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro**: Ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Contracorrente, 2019.

NEVES, Paulo. Antirracismo. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex (Org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 20-23.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral, contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS JÚNIOR, Marcos Borges dos. **A epistemologia da escola afrocentrada**: potências e possibilidades. 2025. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2025a.

SANTOS JÚNIOR, Marcos Borges dos. AFROCENTRICIDADE E QUILOMBISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS NA EDUCAÇÃO. **Revista Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 1–21, 2025b. Disponível em: [//www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/18332](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/18332). Acesso em: 16 jan. 2026.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual**: Racismo e branquitude na formação do Brasil. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.